

Conhecimento como Crença Verdadeira

Em nossas últimas aulas, enfatizamos a ligação existente entre *conhecimento proposicional* e *verdade*. Dissemos que é errado chamar de conhecimento um pensamento ou crença que é falsa. Por exemplo, costumamos dizer que nossos antepassados acreditavam ou pensavam que a Terra era plana, mas não é correto dizer que eles *sabiam* que a Terra era plana (dado que hoje temos muitas razões e indícios que nos fazem assumir que de fato a Terra é esférica). Assim, de acordo com essa forma de entender o significado da palavra “conhecer”, se dizemos que alguém sabe alguma coisa, estamos também dizendo que aquilo em que acredita é verdadeiro. Ainda, se dizemos que alguém sabe algo, mas aceitamos simultaneamente que aquilo em que essa pessoa acredita é falso, então estamos empregando incorretamente a palavra “conhecimento”. *Conhecimento*, por definição, é uma *crença verdadeira*.

E o relativismo?

Uma porção de pessoas, entretanto, não se sente muito à vontade em falar que as crenças de alguém podem ser falsas ou erradas. “Cada um tem a sua verdade” – gostamos de dizer para evitar o constrangimento de “corrigir” alguém. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos ser levados a uma posição relativista quanto à verdade. Mas o relativismo pode vir em graus diversos, e também quanto a âmbitos diversos.

Uma forma extrema de relativismo pode ser apresentada como a tese de que “tudo” é relativo ou, mais especificamente, que todos os pontos de vista ou mesmo todas as crenças “são igualmente válidas”¹. O principal problema com essa versão radical do relativismo é que ela é incoerente consigo mesma: afinal, se todas as opiniões ou crenças são igualmente corretas, a própria opinião de que o relativismo não é correto tem de ser aceita como correta. Outra forma de incoerência poderia ser vista se uma pessoa se propusesse a defender que é *realmente*, ou *objetivamente* verdadeiro que toda verdade ou opinião é relativa.

Formas mais brandas de relativismo podem ser defendidas, talvez até de modo coerente. Nesses casos, o relativismo é restringido a alguma região específica: aos valores morais, aos valores estéticos, às teorias científicas, às sensações etc. A possibilidade de sermos incoerentes surge, entretanto, se pretendermos defender o relativismo e, ao mesmo tempo, formos intolerantes com discordâncias nesse âmbito. Um exemplo desse caso é apontado por Platão, no Teeteto. Segundo ele, Protágoras (um sofista que cobrava para ensinar aos seus alunos e que defendia uma concepção relativista de conhecimento) seria incoerente consigo mesmo: se a verdade é relativa, como poderíamos querer *ensinar* alguém? Parece que não poderíamos nunca tentar convencer alguém de que nós estamos certos, se formos relativistas quanto ao assunto em questão. Assim, na medida em que tentamos convencer alguém, ou discutir seriamente um assunto, isso parece ser inconsistente com mantermos uma posição relativista a respeito desse domínio, sejam eles valores morais, estéticos, ou mesmo o conhecimento.

1 Ver “Relativism” em *Internet Encyclopedia of Philosophy* – <http://www.iep.utm.edu/relativi/>.

Conhecimento como Crença Verdadeira e Justificada

Texto: Teichman e Evans, 2009: *Filosofia: um guia para iniciantes*. São Paulo: Marras, p. 60.